

A PROPÓSITO DE AMÉRICO VESPUCCI (*)

Apreciador da *Revista de História*, desde o número inaugural da coleção, deparou-se-me no derradeiro distribuído, 11, um artigo do Professor Giuseppe Caraci, que me estarreceu.

Não se fazia mister tamanha erudição para metralhar simples página de louvor a Américo Vespúcio.

Se estivesse em discussão apenas o nome do autor, seria dispensável qualquer contestação. Pouco se lhe dá ser increpado de jejuno em matéria atinente a Vespúcio, ou outra das muitas que ignora.

Trata-se, porém, da *Revista Brasileira de Geografia*, de conceito formado entre os sabedores, que estampou a contribuição increpada de erroia.

Em sua defesa, apenas, alinham-se as razões que talvez não sejam despresíveis.

Preliminarmente, releva observar que o tradicional órgão do Conselho Nacional de Geografia, em homenagem aos especialistas, que operaram no Brasil, relembra-lhe as feições, em retrato a bico de pena, acompanhado de resumida biografia.

Em cada número, abre-se página para os "*Vultos da Geografia do Brasil*", um nacional e outro estrangeiro.

Acorde com tal orientação, o número 1, ano XII, do primeiro trimestre de 1950, trouxe a efígie de Alexandre de Gusmão e Américo Vespúcio, sem cogitar de lembrança de alguma data referente ao florentino, como deduziu o Professor ao insinuar: "dir-se-ia. escrito com a intenção de recordar um centenário".

Não houve intuito de indicar aos seus patrícios a comemoração que se avizinhava. Não foi essa a causa, pode ficar tranqüilo o insigne censor. No que tange à data de nascimento, de propósito valeu-se o autor de expressão dúbia, que devia completar-se,

(*) — A *Revista de História* recebeu do Prof. Virgílio Corrêa Filho a presente nota que, como sempre, com muito prazer estampa (E. Simões de Paula).

como está no borrão original; *haja quem a fixe em 4 ou 9 de março*”, pois que não se convencera ainda de nenhuma afirmativa a respeito.

A tipografia eliminou a alternativa — ou 9 —, como também ocorreu no princípio do artigo, de cujo período inicial turvou o sentido, prejudicado pelo impressor.

De quantos contribuíram... reduziu-se a: *E quantos contribuíram*, cuja simples leitura evidencia faltar-lhe completamente articulação lógica, além de viciar a regência.

Ao citar o ano de 1451, não se amparou o autor em Magnaghi, é certo.

Mas tinha à mão o erudito ensaio *Amerigo Vespucci e suas viagens* (1949), em cujo prefácio o Professor Thomaz Oscar Marcondes de Sousa declarou: “essa é a tese que com raro bilhantismo, defende o Professor Magnaghi e que nós esposamos por nos parecer a que reúne maior número de provas”.

Não poderá, sem dúvida, ser arguido o Professor paulista de “pouco informado no que diz respeito à recente historiografia Vespucciana”, e muito menos de ignorar o “que é sabido há mais de meio século”, como o autor dos “Vultos”, consoante a condenação do Professor Caraci.

Ora, o Professor Marcondes de Souza, cujo saber o crítico exalta, sem lhe fazer favor algum, pois merece os maiores gabos, começa o capítulo I, à pg. 19, com o período: “*Amerigo Vespucci, nascido em Florença, a 9 de março de 1451, era filho de...*”

Portanto, a informação dos “Vultos” não será total disparate, em que se espejha a ignorância do criticado.

Estava abonada por autoridade vespucciana, das maiores que se entregam a tais estudos no Brasil.

Quanto ao restante, o censor não impugna a conclusão, em que o autor se afastou da forma dubitativa, para afirmar:

“Fora de dúvida, entretanto, é que, antes de 1500, conheceu o mar das Antilhas, e depois navegou, a serviço de D. Manuel, ou de mercadores italianos, com os quais mantinha amistosa relação, por longo trecho da costa do Brasil.

Serviu de piloto-mor à Espanha no decurso do último quadriênio de sua vida, tipicamente renascentista, até sucumbir a 22 de fevereiro de 1512, em Sevilha, após lograr a ventura de assistir à glorificação do seu nome, proposto e adotado para apelidar o continente que se interpunha entre a Europa e a Ásia, também designados por títulos femininos, assim como a África.

Não houve geógrafo, em verdade, tão mimado pelas boas fadas, que pudesse ufanar-se de tamanha homenagem, maior que tôdas as obtidas pelos contemporâneos, ainda os mais eminentes, da classe de Colombo e Pedro Álvares Cabral”.

Bem percebe o autor que o Professor Caraci, ansioso, todavia, como timbra em proclamar, da "superação das ideologias nacionais em nome de uma universal fraternidade", preferiria redação diferente, que ampliasse ainda mais a fama do geógrafo italiano.

Lamenta, porém, não seguir o seu ensinamento, apesar do tom de proselitismo rompente de expressões categóricas.

"Não é preciso, afirma o douto Professor, cansar-se de repetir, introduzindo esta noção nos livros escolares (enquanto não poucos dos nossos livros de texto continuem a ignorá-lo) que a presuposta descoberta do Brasil por Cabral não só se realizou com um atraso de cerca de nove meses com relação à primeira abordagem de Vespucci naquela mesma região (julho-agosto 1499), mas foi devida exclusivamente ao acaso".

Esta, porém, é outra história, que exigiria maior tempo e espaço para explanação, fora do âmbito desta despretenciosa justificativa da homenagem a Vespucci em termos elogiosos, que não se embeberam, todavia, de tão exaltado fervor quanto desejaria o patriótico censor dos "Vultos".

VIRGILIO CORRÊA FILHO